

O discurso eleitoral de Bolsonaro e a repercussão na mídia

Antonio Adami¹ y Carla Reis Longhi²

Recibido: 7 de noviembre de 2022 / Aceptado: 11 de marzo de 2023

Resumo. O artigo analisa a entrevista de Jair Bolsonaro ao Jornal Nacional, da Rede Globo, no dia 28 de agosto, ponto de partida da campanha eleitoral à presidência da República de 2022, e sua repercussão na mídia, considerando a mídia tradicional através das matérias publicadas no jornal impresso de âmbito nacional Folha de S. Paulo e a repercussão na mídia digital, através do programa Eleições 2022, comandado por Kennedy Alencar, no canal Uol. Para isto, articulamos a análise de conteúdo com as perspectivas do enquadramento midiático em suas relações com a cultura política, refletindo sobre as características da comunicação política associadas ao conservadorismo e ao autoritarismo. O artigo traz como hipótese que o enquadramento midiático, considerando a entrevista e a abordagem da mídia impressa, abrandou temas caros à política brasileira, permanecendo num campo já recorrente de crítica ao governo.
Palavras-chave: campanha eleitoral 2022; Brasil; imprensa; enquadramento; política.

[es] El discurso electoral de Bolsonaro y la reacción del periodismo

Resumen. El artículo analiza la entrevista de Jair Bolsonaro con el Jornal Nacional, de la Rede Globo, el 28 de agosto, punto de partida de la campaña electoral presidencial de 2022, y su repercusión en los medios, considerando los medios tradicionales a través de los artículos publicados en el diario impreso nacional (Folha de S. Paulo) y la repercusión en los medios digitales, a través del programa Eleições 2022, conducido por Kennedy Alencar en el canal Uol. Para ello, articulamos el análisis de contenido con las perspectivas del entramado mediático en sus relaciones con la cultura política, reflexionando sobre las características de la comunicación política asociadas al conservadurismo y autoritarismo. El artículo plantea la hipótesis de que el encuadre mediático, considerando la entrevista y el abordaje de la prensa escrita, suavizó temas caros a la política brasileña, quedando en un campo ya recurrente de crítica al gobierno.
Palabras Clave: campaña electoral 2022; Brasil; prensa; encuadre mediático; política.

[en] Bolsonaro's electoral speech and journalism's reaction

Abstract. The article analyzes Jair Bolsonaro's interview with Jornal Nacional, from Rede Globo, on August 28, the starting point of the 2022 presidential election campaign, and its repercussion in the media, considering the traditional media through the articles published in national print newspaper (Folha de S. Paulo) and the repercussion in digital media, through the Eleições 2022 program, led by Kennedy Alencar on the Uol channel. For this, we articulate content analysis with the perspectives of the media framework in its relations with political culture, reflecting on the characteristics of political communication associated with conservatism and authoritarianism. The article hypothesizes that the media framing, considering the interview and the approach of the printed media, softened themes dear to Brazilian politics, remaining in an already recurrent field of criticism of the government.

Keywords: election campaign 2022; Brasil; press; media framing; policy.

Sumario: 1. Introdução. 2. Metodologia. 3. A entrevista: enquadramento temático e estratégias discursivas. 3.1. Desinformação e autoritarismo - conceitos e conexões. 3.2. Discurso, estratégias e grupos de apoio. 4. A leitura da imprensa em 3 atos. 4.1. 1º. Ato - o jornal nacional e a rede globo. 4.2. 2º. Ato - a abordagem da mídia impressa. 4.3. 3º. Ato - a análise de setores das mídias digitais. 5. Considerações Finais. 6. Referências Bibliográficas

Cómo citar: Adami, A., & Reis-Longhi, C. (2023). O discurso eleitoral de Bolsonaro e a repercussão na mídia. *Estudios sobre el Mensaje Periodístico*, 29 (3), 497-507. <https://dx.doi.org/10.5209/esmp.84579>

1. Introdução do tema

O artigo tem por objetivo aprofundar o entendimento, a partir de uma perspectiva histórica, das eleições presidenciais de 2022, que teve como candidatos

com mais votos o agora ex-Presidente da República, Jair Bolsonaro e o atual presidente, três vezes eleito, Luiz Inácio Lula da Silva. O corpus de análise é o conteúdo de mídia digital e de jornal impresso (citados acima) e partimos então da constatação de que,

¹ Universidade de São Paulo (Brasil)
E-mail: antonioadami@uol.com.br

² Universidade de São Paulo (Brasil)
E-mail: carlalonghi@uol.com.br

de certo modo, tivemos nesta eleição um *revival* de 2018, que havia colocado em disputa estes mesmos protagonistas, mas com três especificidades importantes: a primeira era a de que o ex-presidente Lula estava preso e seu vice, Fernando Haddad, acabou sendo o candidato que disputou o pleito. A segunda era a de que Bolsonaro se apresentava como algo novo, desconhecido, apesar de ter sido deputado federal durante 1991-2018, mas inexpressivo. A terceira questão refere-se ao posicionamento da mídia naquele processo eleitoral, que contribuiu com o antipetismo ao potencializar e insistir no perfil corrupto do candidato Lula. A mídia naquele momento teve papel essencial na eleição de Bolsonaro, aliás, o mesmo Jornal Nacional que analisamos aqui, naquele momento chegava a fazer na Rede Globo de televisão e em todo o seu grupo de comunicação, programas inteiros contra Lula e o PT e com apoio a Bolsonaro. Outras redes fizeram o mesmo, inclusive a Rede Record, grupo evangélico, que utilizou na eleição de 2022 a mesma estratégia de 2018, mas não deu certo. Atualmente continua com a mesma postura, produzindo um jornalismo sem profissionalismo nenhum, completamente desconectado com a ética ou qualquer compromisso com a notícia. Nos questionamos então o que havia ocorrido de fato pela Rede Globo ter mudado seu posicionamento e concluímos que o motivo, primeiramente, é que o governo Bolsonaro foi uma tragédia completa, em todos os pontos de vista, seja social, ambiental, direitos do cidadão etc. Outro motivo é que Bolsonaro encarava a Rede Globo como inimiga. Estas questões estiveram presentes no pleito de 2018 e de 2022, mas, sem dúvida, a vitória de Jair Bolsonaro em 2018 estava fortemente associada ao antipetismo, com a mídia absolutamente envolvida, assim, tornando difícil definir se a porcentagem de votos de Bolsonaro foi em função do candidato e suas propostas. Em 2022 vimos que não.

Nossa análise pressupõe que a eleição de 2022 apresentou um Lula que provou sua inocência nos casos que o levaram à prisão, tema este abordado pelo apresentador William Bonner em sua fala inicial na entrevista com Lula no Jornal Nacional, em 25/08/2022, dois dias depois da entrevista com Bolsonaro. Ambos com experiência na função para a qual concorriam. Destacamos que o governo de Bolsonaro, ao longo destes quatro anos, foi cercado por questões caras à comunicação política e à própria política. Temos contínuas denúncias do uso da desinformação e das *Fake News* por parte do *presidente* da República, com discursos de ódio, alimentando a intransparência e o negacionismo, aspectos estes que afetaram a prática política, reforçando pensamentos e práticas autoritárias e conservadoras, que serão aqui analisadas. Aliás, esta questão é tão importante -inclusive envolvendo os filhos de ex-presidente Bolsonaro-, que o atual Ministro da Justiça do governo Lula, Flávio Dino, está acionando a Interpol para a extradição de um dos responsáveis pela campanha das fake news. O jornal Folha de S. Paulo, de 06 de janeiro de 2022, expõe:

O Ministério da Justiça procurou o governo dos EUA e a Interpol com o objetivo de acelerar o processo de extradição do influenciador bolsonarista Allan dos Santos, que está no país desde 2020. Alvo de apurações que tramitam no Supremo Tribunal Federal sobre a existência de uma milícia digital para atacar a democracia e as instituições. Allan é considerado foragido desde que foi ordenada sua prisão preventiva no inquérito das fake News, em 2021, a pedido da polícia federal.

A prática política e de comunicação política de Bolsonaro, ao longo de sua presidência, sedimentou tanto o entendimento sobre a lógica de governo e comunicação política impostas nestes quatro anos quanto contribuiu para a construção de novas estratégias de abordagem dos temas políticos pela grande imprensa e de um bom número de estudos acadêmicos, no intuito de destrinchar as lógicas utilizadas, fundamentando-as conceitualmente e em suas linhas teórico-conceituais.

Por parte do governo, vimos a sedimentação de algumas práticas novas, ao considerarmos a eleição de 2018, ou seja, Bolsonaro atuou por uma comunicação política centrada nas redes sociais e na comunicação direta com o público. Considerando a estratégia do uso das redes sociais, priorizou o uso de *lives* diárias dirigidas ao seu público apoiador, acompanhadas dos tuítes em redes sociais, entre elas o Twitter, o Facebook e o Instagram; estes eram também disseminados por grupos apoiadores, atingindo vasto público eleitoral. Considerando a estratégia da comunicação direta, dois recursos foram recorrentes: a fala para apoiadores em frente ao Palácio do Planalto e as contínuas motocicletas feitas em diferentes percursos, pelo Brasil afora. Estas dinâmicas foram iniciadas ainda em sua campanha eleitoral de 2018. Naquela ocasião, o então candidato Jair Bolsonaro tinha apenas 8 segundos diários de tempo na propaganda eleitoral frente aos 2,23 min. de Haddad e 5,32 min. de Alckmin, mas, com a facada sofrida por Bolsonaro, em 07/09/2018, fechou-se a oportunidade de participação em comícios e debates, o que foi muito bom para ele, pois além de não se mostrar nos debates também ganhou farta mídia espontânea. Naquele momento houve a intensificação do uso das redes sociais como estratégia de campanha política, estratégia ainda nova e não regulamentada pelas regras eleitorais, aspecto que facilitava o uso indiscriminado e pouco aferido da mesma. Esta situação levou à publicação de novas resoluções eleitorais posteriores (Resolução 23610/2019; Resolução 23624/2020; Resolução 23671/2021), no intuito de delimitar e normatizar o uso desta prática de comunicação política.

A utilização das redes sociais como estratégia de comunicação política, como muitos pesquisadores vêm apontando, estabelece algumas dinâmicas próprias ao processo comunicativo. O primeiro aspecto é o da ampliação dos fluxos comunicativos, já que as redes sociais, diferentemente das mídias tradicionais, permitem a fragmentação da produção da informação e sua difusão em rede e não mais de modo linear, em função da quebra do monopólio de sua produção, tornando o impacto do fluxo comunicacional difuso e

descentralizado. Sobre este aspecto cabe destacar que, apesar de seu caráter rizomático, sua difusão ocorrerá em redes de contatos, definindo um princípio de circulação que, se por um lado tem como aspecto positivo a descentralização da produção e difusão de seu conteúdo, traz como aspecto hoje tratado como negativo, a criação de bolhas comunicacionais, em função das redes se estabelecerem por contatos. Como colocado por Alves, Tavares e Albuquerque (2019) a análise da comunicação em redes pressupõe considerar aspectos despercebidos nas mídias tradicionais, atentando para os atores envolvidos, os laços que aproximam estes atores e os subgrupos e grupos mediados por estes laços, ou seja, todo um âmbito relacional que deve ser considerado, já que se fala para público direcionado à priori; isto facilita a definição do perfil do público e, logo, a escolha dos temas abordados e da estratégia discursiva.

Desse modo, o uso de formas de comunicação política tradicionais, como os discursos em cadeia nacional de televisão, em programas de rádio ou em entrevistas para a mídia impressa foram preteridos pelo ex-Presidente da República e até mesmo questionados, em ataques recorrentes à mídia tradicional, denunciada como mentirosa e tendenciosa, a mesma mídia que ajudou a elegê-lo em 2028. Ao se considerar a mídia televisiva, por exemplo, ao longo de seu governo, Bolsonaro só concedeu entrevistas para as redes aliadas, pertencentes ao grupo Record ou SBT. Considerando todo o exposto, a presença e participação em entrevista de campanha eleitoral para o Jornal Nacional, rede televisiva massiva, é representativa por demarcar a atuação e discurso deste político em ambiente diferente ao utilizado recorrentemente, com pauta também definida pela emissora e agora dirigida ao público em geral e não à sua bolha comunicacional.

2. Fontes e Metodologia

Este artigo analisa a comunicação política, seja proposta pela figura do político, seja presente no jornalismo, o que nos leva a algumas demarcações. A primeira é que entendemos que toda comunicação política se encontra no campo da cultura política, considerando, a partir de Motta que a cultura política, em linhas gerais, seria "...conjunto de valores, tradições, práticas e representações políticas partilhado por determinado grupo humano, expressando identidade coletiva e fornecendo leituras comuns do passado..." (Motta, 2013, p. 11-12). Assim, todo discurso político estabelece seus recortes, estratégias e/ ou destaques, conforme sua inserção nesta mesma cultura política. Ao considerarmos o jornalismo político, diferentemente de abordá-lo na dicotomia da objetividade versus manipulação, veremos que o mesmo também estabelece demarcações de abordagens, e a isto nomearemos de enquadramento. O conceito foi inicialmente abordado por Goffman (1986) que, em linhas gerais, o considerou como um princípio de organização dos eventos sociais. Desde as primeiras abordagens do autor, ele e

outros buscaram aprimorar este mesmo conceito (Porto, 2002/ 2004; Entman, 1994 e outros) gerando razoável produção bibliográfica.

Partindo então da ideia original de Goffman, também trabalhada por Porto, de que o enquadramento é a definição de um marco interpretativo, concordaremos com estes e outros autores (Gitlin, 1980; Entman, 1994) que indicam que estes marcos se norteiam por uma matriz interpretativa, para nós trata-se da cultura política, que sofre efeitos de formulação, chamados de pacotes interpretativos (Gamson e Modigliani, 1987), ou seja, um processo de seleção e saliência de ideias que definirão o enquadramento. Em diálogo com esta perspectiva e na contribuição de seu aprofundamento, estabeleceremos, concomitantemente, um diálogo com a análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin (Bardin, 1977), no estabelecimento das categorias analíticas e suas estratégias discursivas, observando as recorrências e argumentações construídas, completando a análise de conteúdo com o último tópico proposto por Bardin, que é a análise discursiva.

Neste processo, dois campos analíticos se colocam. O primeiro refere-se tanto às estratégias discursivas utilizadas pelo candidato Jair Bolsonaro, em mídia tradicional, na condução da entrevista eleitoral, quanto ao enquadramento proposto pela própria emissora, na condução da mesma. Para este bloco, centrado na análise do programa eleitoral buscamos: 1. Destacar o enquadramento temático e, para esta análise, faremos uma abordagem comparativa com a entrevista do outro candidato à presidência, o ex-presidente Lula, em função das características dos dois processos eleitorais já que, como apresentado na Introdução, em 2018, os resultados foram necessariamente comparativos, tendo muitos eleitores escolhendo o candidato Bolsonaro para evitar o candidato de Lula, sendo, na época, muito condicionante o enquadramento midiático efetivado. 2. analisar a construção discursiva do entrevistado, observando tanto as articulações conceituais que lhe são concernentes, quanto como estas dialogam com o seu grupo de apoio e com o público em geral.

O segundo grande bloco analítico refere-se ao enquadramento das análises da grande mídia em relação à entrevista em tela. Assim, propomos: 3. Analisar como setores da mídia digital analisaram as entrevistas, retomando a análise do canal Uol, conduzida por Kennedy Alencar. 4. Analisar como a mídia tradicional enquadrava a entrevista, observando como esta lidou com as estratégias formuladas, utilizando a análise das capas e editoriais do jornal de circulação nacional, Folha de S. Paulo, nos dois dias subsequentes à entrevista.

3. A entrevista: enquadramento temático e estratégias discursivas

A entrevista foi organizada em blocos temáticos. Abordou-se o discurso golpista; a pandemia; econo-

mia; meio ambiente; a prática política com o Centrão e a educação/ corrupção. Aparentemente o rol de temas pautados cobriu os principais objetos de interesse da discussão política contemporânea brasileira. Contudo, observando-se o tempo utilizado para cada

tema, podemos dizer que foram priorizados pelos entrevistadores. Observemos a tabela abaixo discriminando a temática pautada na correlação com o tempo utilizado e a estratégia discursiva do entrevistado:

Tema	Tempo	Categorias analíticas	Estratégia discursiva do candidato
Normalidade política	10 min	– Xingamentos/ desrespeito com as instituições – Golpe	– Disse ser <i>fake News</i> – Exige transparência
Pandemia	8 min	– Desumanidade/ deboche – Uso de medicação ineficaz	– Silêncio – Mentira – Garantiu que a economia funcionasse – Liberdade médica
Economia	3:55 min	Problemas econômicos/ problemas externos	– Não foi sua culpa – Muitas mentiras – Lutou pela manutenção da economia
Meio Ambiente	6:40 min	– Desregulamentação de leis ambientais – Desmatamento	– Riscos inerentes à natureza – A Europa também sofre com as secas
Relações com o centrão	4:57 min	– Era anticentrão e agora é a base do governo	– Estimulando a ser ditador, são 300 deputados
Educação/ corrupção na educação	2:18 min	– 5 ministros e queda de 1 por corrupção – 4 caíram	– Único governo sem corrupção
Interferência na Polícia Federal	3:11 min	– Interferência na polícia – Mudança de postura	– Não é verdade
Discurso final	1 min		

Pelo tempo dedicado aos diferentes temas e a contínua utilização da estratégia do entrevistado em alegar que eram mentiras; silenciar ou simplesmente argumentar com aspectos não relacionados aos temas em questão; não houve o aprofundamento de questões fundamentais como a corrupção no governo; a real política econômica e de meio ambiente, além da prática de desmantelamento de órgãos do Estado e da segurança jurídica do mesmo.

Como dito, o primeiro tema abordado foi a normalidade política alçada pela questão do respeito aos poderes, em especial ao Tribunal Superior Eleitoral e, logo, ao processo eleitoral e a concordância e aceitação do resultado das urnas. Este sempre foi um tema central para Bolsonaro pois, por um lado, garante uma saída política no caso do fracasso das eleições e por outro lado, alimenta seu pensamento político autoritário e sua relação com seu grupo de apoio. Vale destacar que temas como Economia, Meio Ambiente e mesmo Educação foram mal explorados pelos entrevistadores, observado pelo tempo disponibilizado e potencializado pelo discurso evasivo do candidato, que não foi desmontado pelos entrevistadores. No caso da economia, os próprios entrevistadores permitiram que todo o fracasso fosse associado a questões externas, a culpa na pandemia e na guerra da Ucrânia. No caso do meio ambiente, algo similar aconteceu, pois a culpa virou da própria natureza, como se o desmatamento fosse à revelia dos interesses colocados; neste caso, a conduta de seu Ministro Ricardo Salles foi tratada como uma questão técnica. No caso da Educação, Bolsonaro construiu seu discurso dissociado de sua responsabilidade para com a escolha

de seus ministros e também, apesar de provocado, fugiu do debate com afirmações sem fundamentação.

William Bonner, contudo, iniciou suas perguntas demarcando um campo de enunciação, o Jornal Nacional se posicionando frente ao seu público no respeito ao funcionamento legítimo do Estado, denunciando o desrespeito do presidente à normalidade política. Afirmou que o presidente xingou ministros do Supremo Tribunal Federal, fez ataques sem provas ao sistema eleitoral brasileiro, ameaçou o processo eleitoral dizendo que talvez as eleições não ocorressem “como se lhe coubesse uma decisão dessas”, e finalizou perguntando o que o candidato pretendia, se era efetivar um golpe.

3.1. Desinformação e autoritarismo - conceitos e conexões

Bolsonaro começou respondendo assim:

“Primeiro, você não está falando a verdade quando fala de xingar ministros. Isso não existe. É um fake News da sua parte. Outra coisa, eu quero é transparência nas eleições. Vocês com toda a certeza não leram o inquérito de 2018 da polícia Federal, que inclusive está inconcluso e aquela pergunta que eu sempre faço: se você pode botar uma tranca a mais na sua casa para evitar que ela seja assaltada, você vai fazer ou não. Então este é o objetivo do que eu tenho falado sobre o Tribunal Superior Eleitoral” (Bolsonaro, 2022).

A forma como Bolsonaro iniciou sua fala também demarcou um campo, o campo do enfrentamento, próprio de sua prática política, dirigida ao seu grupo

de apoio. Iniciou dizendo que tudo era mentira; nesta fala dois aspectos são demarcados. O primeiro é o do uso da mentira para encerrar uma conversa; é assim que Bolsonaro fala para o seu público cativo, dizendo recorrentemente que informações circulantes na mídia tradicional são mentiras e definindo a partir daí seu campo de verdades, criando um ambiente de contínua tensão e relatividade dos fatos. Em outros momentos o candidato utilizou da mesma estratégia, por exemplo, quando respondeu à Renata Vasconcelos sobre a falta dos respiradores em Manaus, ao dizer que o problema foi resolvido em 48 horas, quando na verdade levou nove dias. Também com relação à sua atuação no caso da pandemia, neste caso a desinformação foi construída através da omissão, em primeira instância, pois o candidato desconsiderou todas as inserções sobre sua postura em relação ao Covid 19, seguido de um rol de informações falsas pois, com muita tranquilidade, falou que foi o presidente que mais rápido resolveu a questão; que foi o responsável pela compra das vacinas; que garantiu os melhores resultados econômicos, considerando outros países, além de afirmar que foi mentira dizer que não foi solidário aos doentes e familiares.

O tema da desinformação, muitas vezes utilizado a partir da ideia da *fake News* tem sido recorrente desde 2016 com a campanha de Donald Trump às eleições presidenciais dos EUA, gerando um campo acadêmico de reflexões sobre o tema. De certo modo, desinformação e comunicação em redes se associam, tanto na prática quanto nos estudos teórico-conceituais no campo das comunicações. Isto porque viu-se a potencialização do uso da desinformação na comunicação política em redes, com desdobramentos conceituais e legais.

Considerando os aspectos legais, já indicamos que, no caso brasileiro, houve a publicação de resoluções que visavam a demarcação legal do uso destas estratégias, bem como, a atuação do Supremo Tribunal Federal no combate à disseminação de notícias falsas. Houve a criação de uma página no site do Supremo Tribunal sobre a desinformação (<https://tinyurl.com/yzfs9dvf>). Além disso, existem inquéritos em andamento nesta mesma corte, baseados na publicação de notícias falsas sobre os membros do Supremo Tribunal Federal. Este inquérito (Inquérito 4781) tem tido desdobramentos, tanto em relação à constatação da existência de um grupo criminoso para disseminar notícias falsas, quanto pela apuração da disseminação de notícias falsas por parte do próprio presidente Jair Bolsonaro, em transmissão ao vivo em redes sociais, (baseada na transmissão ocorrida em 29/07/2021). Sobre este inquérito e em função da referência ao xingamento, na entrevista ao *Jornal Nacional*, Jair Bolsonaro, depois de dizer que William Bonner mentiu, disse: “Quem vem sendo perseguido, o tempo todo por um ministro do supremo sou eu, num inquérito completamente ilegal”.

Sobre aspectos teórico-conceituais sobre a ideia de desinformação, *fake News* e discurso de ódio, vemos o alargamento e aprofundamento das reflexões

sobre os temas (Santos, 2022), (Ezequiel e Ciocari, 2017), (Gomes e Dourado, 2019), entre muitos outros. Optaremos aqui, tal qual Valente (Valente, 2019), em utilizar os termos derivados da ideia de desinformação e não *fake News*, dada a sua inconsistência conceitual e seu uso indiscriminado em situações inadequadas, deturpando ainda mais o seu sentido. Isto porque, como estudos têm mostrado (Wardle e Derakhsan, 2017), existem diferentes qualificações de informação falsa. Em linhas gerais, foram definidos os termos de *mis-information* para qualificar uma informação falsa que não indicava o intuito proposital de causar o mal; o *des-information* que caracteriza a informação falsa que visa prejudicar e, mais recentemente, o termo *mal-information*, que qualifica uma informação como verdadeira, porém disseminada com o intuito de prejudicar.

O uso da desinformação, que se caracteriza pela informação falsa intencional e aliada às tecnologias de comunicação das redes sociais, que potencializam o caráter virulento dos mesmos, contribuem para a animosidade das relações políticas na esfera pública, enfraquecendo a própria prática política, em função da incapacidade do diálogo, negociações e criação de consensos, seu eixo central estabelecendo, então, a construção do inimigo, na negação de sua fala e o alastramento do discurso do ódio. O esvaziamento da política (Ranciére, 1996), com a exacerbação da violência contribuem ou fomentam práticas políticas autoritárias. Com isto queremos dizer que a atuação política de Bolsonaro, contínua e também presente nesta entrevista, expressam a composição de um pensamento e uma prática políticas coesas na lógica autoritária.

O tema foi marginalmente explorado na entrevista, abordado no primeiro bloco já parcialmente comentado, centrado na desinformação criada por Bolsonaro em relação à credibilidade das urnas, à necessidade do acompanhamento e anuência das Forças Armadas e à desconfiança em relação aos poderes, desacreditando e incitando a população contra o poder Judiciário. No caso específico das urnas, Bolsonaro assumiu que acataria o resultado eleitoral, condicionado à realização de eleições limpas e transparentes, criando aí um campo de indefinição.

Jair Bolsonaro é capitão reformado, formado pela Academia Militar das Agulhas Negras e suas falas expressam, continuamente, uma ideologia de guerra, típica de uma formação militar e vivência num sistema político autoritário e de comando militar, constituindo sua visão social como um campo de guerra, na destruição do inimigo. Durante a ditadura, os pilares desta lógica foram a tortura e a censura, e vimos que ao longo de sua trajetória política, as falas de Bolsonaro naturalizaram continuamente a tortura e a morte e enalteceram os responsáveis por elas, práticas constituintes da doutrina anunciada. Como doutrina autoritária, carrega a violência como elemento estruturador, a violência, entendida aqui como sujeição (Chauí, 1980), pressupõe seus aspectos visíveis e invisíveis. Para os aspectos visíveis há

a construção do risco, no caso estruturado pela constituição de um inimigo. Durante muito tempo, o inimigo foi essencialmente o ‘comunista’, inimigo este presente nas falas de Jair Bolsonaro. Hoje, contudo, o conceito de inimigo foi bastante alargado, associado não só a qualquer pensamento de esquerda, como também, a todo aquele que se opõe a qualquer ideia e prática proposta pelo presidente e seus comandados. Neste sentido, a desinformação tornou-se eixo central da manutenção da figura do inimigo, numa configuração própria destes tempos de comunicação digital.

Propomos considerar, agora, o que chamamos de racionalidade do pensamento autoritário, considerando a conceituação proposta por Bobbio (Bobbio e Pasquino, 1999) que entendem que o autoritarismo se expressa essencialmente a partir de três eixos, sendo eles, a estruturação de um sistema autoritário; a conformação de uma doutrina autoritária e por fim, a expressão de um pensamento e cultura autoritárias, eixos estes que podem ocorrer conjuntamente, efetivando um Estado autoritário, ou podem ocorrer separadamente, permitindo a existência de democracias permeadas por doutrinas e/ou pensamentos autoritários. Ao apontarmos para a reflexão sobre os aspectos estruturadores do pensar autoritário constituído no discurso, tomamos a reflexão de Marilena Chauí, em seu texto sobre o Integralismo, que fornece pistas muito interessantes para nossa reflexão “O pensar autoritário, região das consequências sem premissas, precisa localizar em algum ponto externo, anterior e fixo um conjunto de afirmações protocolares graças às quais entra a pensar” (Chauí, 1978, p. 38), o que confirma a validação contínua de ideias e práticas da ditadura, bem como a anterioridade e exterioridade do inimigo já conhecido, agora atualizado, e mesmo, a referência contínua ao poder e papel das Forças Armadas. Além disto, continua a autora, “Incapaz de pensar a diferença, tanto no espaço quanto no tempo, precisa sentir-se autorizado antes de impor-se.” (Chauí, 1978, p.38). O pensar autoritário não consegue lidar com a diferença, pois esta carrega o imprevisível, desmontando a lógica constitutiva. Este aspecto se traveste de uma violência não visível e se constitui a partir de imagens simplificadas. Para Marilena Chauí este debate não se alimenta ou aproxima de uma discussão psicológica (sobre consciência autoritária) ou psicossociológica (personalidade autoritária) e sim de uma ‘questão epistemológica tanto quanto política’ (Chauí, 1978, p. 38). Ponderemos sobre os dois elementos que, ao retomarmos o conceito de violência discutido por Chauí, vimos que a mesma se expressa em toda situação que se define uma sujeição, ou seja, uma equiparação de um sujeito à coisa, menosprezado e menor, viabilizando discursos de negação do outro, discursos machistas, xenófobos, racistas e homofóbicos. Em todos estes aspectos há o menosprezo à condição de igualdade deste outro, aspecto estruturador das ideologias autoritárias que, como visto, tem como princípio a negação ao trato da diferença.

Bolsonaro foi absolutamente contido em suas falas machistas, misóginas e racistas, tão contínuas em sua carreira política e, muito em função de sua contenção, seus correligionários consideraram que ganharam o debate. Mas um elemento de destaque na reflexão de Chauí esteve presente na entrevista e é contínuo em suas falas “...um conjunto de afirmações protocolares graças às quais entra a pensar...”. Esta recorrência do mesmo, em seus discursos, que vira protocolar, acaba por configurar uma construção discursiva dissociada numa correlação de temas ou argumentos sem sentido efetivo. Podemos observar esta construção em diferentes momentos de sua entrevista, ou seja, o candidato negou os xingamentos, alegando ser mentira e amarrou sua fala ao desejo de transparência. São duas questões distintas. A primeira refere-se ao comportamento político inapropriado e o desrespeito aos poderes, e a segunda se refere aos argumentos que sustentariam o questionamento às urnas eleitorais, construída pela informação falsa, recorrente e tratada como verdade, voltando-se aos seus mantras, onde o judiciário o persegue e é desonesto. O argumento é complementado ou mesmo construído, baseado em imagens simplificadas, aspecto também próprio do pensamento autoritário. No caso, o exemplo da fechadura citado acima, mas poderia ser qualquer outro. Trata-se de recurso para falar com o cidadão ordinário, na busca de reafirmar e ampliar um público ouvinte. O exemplo da fechadura foi feliz pois, além de tocar em questão central para qualquer brasileiro -a questão da segurança-, abordou a desconfiança das instituições públicas e o desrespeito aos poderes e à normalidade política como se fosse uma questão de excesso de cautela, desvirtuando o debate posto.

2.2. Discurso, estratégias e grupos de apoio

Desde o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff em 2016, confirmado pela vitória de Jair Bolsonaro em 2018, que os cientistas políticos e intelectuais de áreas afins buscam compreender as origens e perfis dos grupos conservadores e autoritários que afloraram nestes processos e apoiaram o então candidato Jair Bolsonaro. Devemos lembrar que o antipetismo de 2018 foi central para a vitória de Bolsonaro, associada ao fato de Lula não poder concorrer ao pleito, além de ter havido uma indeterminação desta candidatura que inviabilizou a participação de Fernando Haddad nos três primeiros debates ocorridos naquele processo. Ao mesmo tempo, havia ali uma conjugação de fatores que avalizava o candidato Bolsonaro ao pleito, aspectos já discutidos em nossa introdução. Além desta ressalva, precisamos lembrar que as novas pesquisas têm demonstrado que o movimento das ‘direitas’ se iniciou ainda em 2013, com as Jornadas de Junho de 2013, movimentos estes difusos e fragmentados, mas que deram origem, entre outros, ao MBL (Movimento Brasil Livre), formalizado em 2014. Por fim, é interessante lembrar também que no processo de *impeachment* de Dilma, Bolsonaro dis-

cursou demarcando alguns pontos “Pela Família, pela inocência das crianças em sala de aula que o PT nunca teve; contra o comunismo; pela nossa liberdade; contra a Folha de S. Paulo; pela memória do Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra...”³, <https://bit.ly/3XS2n9F>.

Neste discurso, Bolsonaro demarcou claramente seus grupos de apoio. O primeiro, exaltado pela família e pelas crianças, seria o grupo conservador nos costumes. Ele pode compor os setores evangélicos (bancada da Bíblia), mas também, todos os setores com formação autoritária, que valorizam a hierarquia social, pautado pelos lugares do homem e da mulher na família. Como discutimos ao longo do texto, Bolsonaro é formado no sistema político autoritário, com ideologia e costumes autoritários, o que possibilita o diálogo com dois eixos que lhe são muito caros. Os setores conservadores nos costumes e os setores que pregam o sistema autoritário, as viúvas da ditadura, com o discurso do anticomunismo, da valorização das armas e, logo, o uso da violência no trato social (a chamada Bancada da Bala). Estes dois setores continuam contemplados pelo discurso de Bolsonaro, tanto em seu governo quanto na entrevista. O terceiro grupo é composto pelos setores liberais de apoio ao seu governo; estes estão distribuídos em setores do agronegócio, muito beneficiado em suas políticas de desmatamento, ocupação de reservas indígenas, perseguição aos sem-terra e políticas relacionadas ao uso de agrotóxicos, políticas que não foram rechaçadas na entrevista. O grupo é composto por setores dispersos do empresariado, apoiadores dos traços liberais de seu governo. Como visto no todo da entrevista, o candidato manteve os mesmos encaminhamentos e os mesmos apoios, que equivalem em termos percentuais a 30% do eleitorado e, neste sentido, o tom de enfrentamento ao dizer que era mentira a afirmação de William Bonner, *modus operandi* de Bolsonaro.

4. A leitura da imprensa em 3 atos

Esta divisão em três atos nos ajuda a compreender as características de cada mídia, a televisiva, a imprensa e as redes sociais, em função principalmente do tempo, do espaço, mas também da linguagem que lhe é própria e que passa por construções estratégicas, aqui analisadas.

³ O Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, herói de Bolsonaro, foi Chefe do DOI-CODI, de 1970 a 1974, durante o governo de Emílio Garrastazu Médice, o órgão mais cruel da repressão política da Ditadura militar no Brasil (1964-1985). Foi torturador da Presidente Dilma Rousseff. Bolsonaro elevou a patente de Ustra a Marechal, na denominada “farrã dos Marechais, aumentando o valor da pensão de suas filhas, em 2021, após a sua morte. Esta patente só pode ser concedida a heróis de guerra, mas Ustra nunca esteve em combate. Ao declarar o seu voto no processo de impeachment da ex-presidente, o deputado federal Jair Bolsonaro (PSL) fez uma homenagem à memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra chamando-o de “o pavor de Dilma Rousseff”, por ter comandado as sessões de tortura.

4.1. 1º. Ato - O Jornal Nacional e a Rede Globo

A mídia televisiva é, nesta pesquisa, a norteadora da reflexão, pois o processo começa a partir das entrevistas que ocorreram com os principais candidatos, Jair Bolsonaro e Luís Inácio Lula da Silva, aqui analisados. A comparação é pertinente pois, por um lado, foi base do último processo eleitoral e reforçada pela mídia em geral naquele ano, por outro lado, ainda é a base da estratégia de campanha do candidato Bolsonaro, que constrói sua argumentação sempre na oposição e enfrentamento ao candidato rival, explorando o que considera suas falhas: a corrupção e o caráter comunista.

Nesta mídia, dois aspectos interligados são definidores do enquadramento proposto: os temas pautados e o tempo utilizado para cada tema. Na complementação da análise, devemos considerar a linguagem, que nesta mídia pressupõe também aspectos posturais e de entonação de voz. Certamente o tom geral da entrevista, considerando a postura dos entrevistados dependeu da reação dos próprios entrevistados. Lula procurou ser mais disponível e amigável, no que foi muito feliz, tornando a entrevista mais cordial em seu tom. Já Bolsonaro manteve uma postura de enfrentamento, mantendo um tom tenso durante toda a entrevista. A esta postura, os entrevistadores responderam com claro reforço postural e de entonação mostrando, muitas vezes, indignação, pesar e descrença, pelo tom, pausas de fala e expressões faciais.

Contudo, esta mesma tensão discursiva não foi acompanhada pela firmeza em torno da argumentação feita, deixando o entrevistado dominar a condução da entrevista. Isto se fez notar pela falta de argumentos incisivos; pela dificuldade em desmontar o discurso do entrevistado e pelo silenciamento em torno de temas e aspectos de temas centrais. Assim, como apontado no início deste texto, apesar da pressão em torno de temas como golpe, saúde e mulheres, o candidato foi pouco pressionado em temas caros à sociedade, como o fim da transparência de informações, já que em seu governo vários documentos foram colocados em sigilo por várias décadas; o tema do meio ambiente, em que Bolsonaro centrou na tristeza das queimadas que todos os países passam, inclusive o Brasil e o próprio tema da corrupção, em suas correlações com as rachadinhas, que são desvios dos salários de servidores para os parlamentares, prática utilizada pelos filhos de Bolsonaro em larga escala; com o orçamento secreto, que são recursos do orçamento utilizados por parlamentares, sem nenhum controle ou transparência (calcula-se que entre 2020 e 2022 tenham sido gastos US 9 bilhões), segundo o site congressoemfoco, consultado em 16 de janeiro de 2013; e também a corrupção na educação, pois os entrevistadores não conseguiram torear o tom evasivo de Bolsonaro, fugindo aos temas e negando-os. Assim, mais uma vez, Bolsonaro atuou dentro do *script* esperado pois a desinformação é a base de sua comunicação política, sendo proposital e, mais uma vez, dirigida ao seu grupo de apoio, o que possibilitará seu uso em suas *lives* subse-

quentes. Ao nosso ver, Bolsonaro também se saiu bem, pois devemos lembrar que o seu princípio, considerando o discurso político, é o discurso de guerra, do enfrentamento e, ao confrontar todo tempo, ele respondia à sua base de apoio.

Já na entrevista de Lula, ocorrida no dia 25 de agosto, os entrevistadores optaram em martelar na corrupção, utilizando os primeiros 15 minutos da entrevista exclusivamente nisso e voltando ao mesmo recorrentemente. Vejamos:

Tema	Tempo	Categorias analíticas	Estratégia discursiva do candidato
Corrupção	10:00 Min	– Corrupção Petrobrás – Corrupção em geral	Só num governo que investiga a corrupção aparece
Indicação do MP	2:50 Min	Respeitar lista tríplice	Não pode prometer agora
Influência na PF	1:14	Interferência	Respeita a autonomia
Economia	8:00	Inflação	Redução da inflação e aumento salarial
Centrão/ corrupção	2:30	Relação com o centrão resultou em corrupção	Capacidade de negociação
Orçamento Secreto	2:40		Voltar ao presidencialismo
Corrupção	1:00	Mensalão Lavajato	Investigar
Negociação Política	5:26	Militância - nós X eles	Divergência diferente inimigo
Agronegócio	4:36	Desconfiança do Agronegócio ao PT	Não apoiará desmatamento e protegerá território indígena
Apoio Ditadura	2:00	Apoio a ditaduras de esquerda	Soberania interna autodeterminação
Discurso final	1:00		

Ao final do programa, cada candidato teria 1 minuto para seu pronunciamento final e apesar de Lula ter feito uma boa finalização, foi muito sintomático o fato de William Bonner ter encerrado esta entrevista fazendo uma correção de sua própria fala, aparentemente em benefício do candidato, contudo, trazendo novamente o tema da corrupção no encerramento. O mantra foi reafirmado no final.

4.2. 2º. Ato - A abordagem da mídia impressa

A mídia impressa tem a característica de analisar o já ocorrido dispondo, assim, de condições de articulá-lo

com pesquisas e análises, num texto mais aprofundado. O que caracteriza, então, o seu enquadramento, para além da política editorial do próprio jornal, é a articulação entre o tema pautado e o espaço concedido na página do jornal. Com base nestes aspectos, trabalhamos com duas seções distintas: o editorial, que apresenta a visão do jornal, e a matéria de capa, que denota sua importância pelo destaque na edição em questão. A Folha de S. Paulo apresentou matérias nos dois dias subsequentes às entrevistas, com os seguintes enquadramentos:

Dia	Caderno	Título ou tema	Enquadramento
23/08/2022	Capa e A6	“Bolsonaro evita se comprometer com urnas no JN”	1. Descomprometimento com as urnas 2. Mentiras sobre xingamentos 3. Mentiras sobre gestão da pandemia 4. Apoio ao centrão
24/08	Editorial	Lorotas em Tela	1. Acuamento 2. Muitas mentiras 3. Estratégia de tensionamento e apoio ao seu grupo
26/08	Capa e A6	“Lula admite no JN desvios na Petrobrás e erros de Dilma”	1. Admissão de culpa 2. Corrupção e argumento de imprensa livre
	A6		1. Lula driblou o tema da corrupção e insistiu em dizer que só ocorre onde há investigação 2. Não foi claro em indicar uma política anticorrupção 3. Diz que Lula voltou a criticar a Lavajato que identificou corrupção nas gestões do PT

Dia	Caderno	Título ou tema	Enquadramento
27/08	Editorial	Autocrítica tardia Corrupção	<ol style="list-style-type: none"> 1. Admissão de corrupção 2. Repetição de velhos bordões 3. Omissão de que assalto pela corrupção fazia parte da sistematização do partido 4. Usou o vice como talismã político 5. É necessário mais que carisma

Ao atentarmos para os títulos das matérias e as categorias que definiram o enquadramento, podemos afirmar que o jornal manteve o mesmo enquadramento proposto pela rede televisiva. Assim, no caso da entrevista de Bolsonaro, tanto a matéria de capa quanto o editorial destacaram os mesmos pontos enquadrados no Jornal Nacional, ou seja, seu descomprometimento com a normalidade política; sua gestão ineficaz na pandemia e seu apoio ao Centrão. Tal qual o Jornal Nacional, não houve o aprofundamento em aspectos críticos de seu governo, como veremos no programa da UOL e, talvez, a única diferença própria do jornalismo impresso, que analisa no pós-fato, foi a explicitação de que a estratégia discursiva do candidato foi o uso da mentira, dos xingamentos e da identificação do público a que se dirigia, apesar disto não ser uma novidade. Em nosso entender, o jornal não contribuiu com uma crítica efetiva ao governo em andamento, pois não extrapolou o campo de críticas já anunciado, mantendo a zona de conforto do candidato. Também não contribuiu com o entendimento das características deste projeto de governo e de Estado e as relações do mesmo com a lógica da corrupção.

No caso da análise da entrevista de Lula, o jornal procedeu de modo parecido. Manteve-se no mesmo campo de críticas do jornal Nacional, trabalhando fundamentalmente com a categoria da corrupção. Assim, tanto a matéria de capa quanto o editorial exploraram apenas este aspecto, indicando que o candidato admitiu a culpa e não teve argumentos sustentáveis para mostrar como evitaria a corrupção no novo mandato.

4.3. 3º. Ato - A análise de setores das mídias digitais

Para a análise do programa Eleições 2022, veiculado pelo canal Uol, veiculado em 23 de agosto de 2022, as 20h30, esclarecemos que não se trata aqui de análise das redes sociais e sim de um programa digital, disponível na internet, pelo canal UOL, também acessível pelo Youtube. Por ser canal digital há a possibilidade de acontecer praticamente em tempo real, tanto que o programa foi ao ar imediatamente após a entrevista de Jair Bolsonaro na TV Globo e, como programa digital, há a maleabilidade de sua confecção e condução, fato que explica a variação quanto à presença de comentaristas e o momento em que cada um entrou no programa. Também a estrutura do programa é feita através do debate entre os comentaristas, fato que permite uma variação da pauta e a divergência de análises. Outra questão é que existe uma maior fluidez quanto à linha editorial, muito perceptível pelo perfil daquele que comanda o programa. O enquadramento deste tipo de programa considera, tal qual a mídia televisiva, o tempo utilizado e os temas em pauta.

O programa durou 60 minutos, comandado por Kennedy Alencar, com a mesa composta pelos colunistas da Uol Carolina Brígido, Alberto Bombig e Mauricio Stycer. Pela mobilidade anunciada, dividiremos o programa em blocos considerando, como proposto por Bardin, os temas que prevaleceram no bloco, apesar da clareza de que estes não indicam sua totalidade, mas predominam quanto ao tempo utilizado.

Bloco	Tempo	Categorias	Descrição
1º.	11 min	<ul style="list-style-type: none"> - Estrutura da entrevista - Estratégia geral do entrevistado 	<ul style="list-style-type: none"> - Comentaram a condição distinta entre os entrevistadores William Bonner e Renata Vasconcelos, com menor espaço para ela - Destacaram que o comportamento do entrevistado era esperado
2º.	6 min	- Justiça eleitoral e urna eletrônica	- Discutiram as razões de Bolsonaro na escolha do ataque a estes temas, apontando aspectos discutidos neste texto
3º.	3 min	- Pandemia	- Destacaram as aberrações em torno do tema e as mentiras do candidato
4º.	19 min	- O que faltou na entrevista	<ul style="list-style-type: none"> - Fizeram a crítica à estrutura da entrevista; os limites dos entrevistadores - Destaque para a corrupção deste governo
5º.	14 min	- Segurança e impressões finais	<ul style="list-style-type: none"> - O tema da segurança não foi tratado. - Estratégias de enfrentamento do candidato calando a emissora

Como indicado, no primeiro bloco os comentaristas destacaram a estrutura formal da entrevista na

Globo, considerando a distribuição do tempo utilizado pelos entrevistadores, com predomínio de William

Bonner frente à presença de Renata Vasconcelos. Destacaram, também, aspectos da entonação e postura corporal dos mesmos. Todos reafirmaram as características do entrevistado, pautadas pela agressividade e uso contínuo de mentiras. No segundo bloco discutiram o tema da normalidade política, reafirmando as intenções de Bolsonaro de questionar a lisura do processo eleitoral e, no terceiro bloco, ao abordarem a pandemia, analisaram todo o campo de aberrações e mentiras relacionados ao tema.

Os dois últimos blocos apontaram vários temas que faltaram e concordaram que Bolsonaro conduziu a entrevista a seu favor. Isto teria ocorrido pois as formulações das perguntas davam chance para Bolsonaro se esquivar. Ocorreu em relação ao Centrão, com Bolsonaro terminando como um democrata. Para os comentaristas, esta lógica foi complementada com o estilo de ‘interiorzão’ do entrevistado, com presepadas, tentando mostrar o perfil de um cara ‘simpão’, e esta estratégia funcionou tão bem junto aos entrevistadores na TV que Bolsonaro chegou inclusive a pedir votos para os seus candidatos, tal o domínio que teve diante dos apresentadores. Enfim, Kennedy coloca que é muito difícil entrevistar alguém que não tem compromisso com a verdade.

O descompromisso com a verdade e o estilo de fala truculento contribuíram com as dificuldades dos entrevistadores, que deveriam ter insistido em aspectos fundamentais, como o caso da corrupção na Educação, momento em que Bonner deveria ter retrucado, mas não o fez. Nesse ponto é que Kennedy diz que foi uma vacilada do William porque foi sim um escândalo, seja qual fosse o governo. Outro ponto foi sobre não aceitar pressão para colocar determinado ministro, trata-se de mais uma mentira pois o Centrão sempre pressionou por cargos e comanda o governo e o cofre do governo, pois utilizam ilegalmente um degenerado ‘orçamento secreto’, algo nunca visto no país. Também não houve contestação. Em um outro ponto da entrevista Bolsonaro pediu voto para Ricardo Sales, ministro que destruiu o meio ambiente no Brasil. Também não retrucaram.

No último bloco, Bombig diz que era uma promessa de campanha de Bolsonaro diminuir a criminalidade, cuidar das fronteiras, combate ao tráfico de armas, tráfico de drogas, mas nada disso ocorreu. Nada disso foi colocado pelos entrevistadores. Também não foi tratado nada com relação à volta da fome no Brasil. Já o Lula foi extremamente cobrado.

Quando em um momento Bolsonaro ficou acuado, ligou Dario Messer, o doleiro dos doleiros do Brasil, à Rede globo, o que calou Bonner. O mesmo havia ocorrido em 2018, quando Bonner perguntou sobre a ditadura, Bolsonaro disse que tinha a mesma opinião de Roberto Marinho (proprietário da Globo), e Bonner também se calou. Acreditamos que o fato de ter maneirado com Bolsonaro fez com que pegasse tão pesado com o Lula. Segundo Bombig isso seria fanfarronice de Bolsonaro, que na hora de um aperto qualquer, joga um nome no ventilador, inclusive para Carolina, o grande oponente de Bolsonaro na entre-

vista foi o Bonner e não o Lula, mas não concordamos, o Bonner parece ter sido um bom e disfarçado coadjuvante de Bolsonaro.

5. Considerações Finais

Neste artigo analisamos a entrevista de Jair Bolsonaro ao Jornal Nacional e a leitura e análise desta entrevista em duas diferentes mídias, a mídia impressa, através do jornal Folha de S. Paulo e a mídia digital, através do programa Eleições 2022, de Kennedy Alencar. Com esta proposta visamos contemplar dois campos analíticos. O primeiro referiu-se às estratégias discursivas utilizadas pelo candidato Jair Bolsonaro, em mídia tradicional. E o segundo referiu-se à reflexão do enquadramento das análises da grande mídia em relação à entrevista em tela.

Ao retomarmos as estratégias discursivas de Jair Bolsonaro vemos que o candidato manteve a estratégia do enfrentamento, embasada na ideologia de guerra que organiza o mundo pela dicotomia do bem e do mal, no pressuposto de que representa o bem contra o mal, inimigo que deve ser destruído. Nesta lógica, todo discurso visa a destruição do outro, em ambiente de guerra, onde o uso de qualquer arma é válida e, no caso da comunicação política, as armas são a mentira; o silenciamento ao que não interessa e o tom truculento para encerrar a conversa. A ideologia de guerra, que é parte do autoritarismo, se constitui pela violência contínua e é completada pela racionalidade autoritária composta pelo uso de premissas dadas e imagens simplificadoras. Pudemos observar a presença de todos estes traços nos discursos de Bolsonaro, concluindo que o uso destas estratégias visava reforçar o apoio de seu grupo de apoiadores e não se moldar à lógica de uma mídia massiva, dirigida a público mais heterogêneo.

Ao abordarmos o enquadramento estabelecido pelas mídias em relação à entrevista de Bolsonaro notamos dois encaminhamentos distintos. A mídia impressa, representada aqui pelo jornal Folha de S. Paulo utilizou as mesmas seleções e saliências propostas pela Rede Globo ao entrevistar Bolsonaro. O jornal estabeleceu os mesmos destaques e reforçou as mesmas críticas já postas na entrevista. Além disto, ao reforçar a crítica ao candidato Lula, no mesmo enquadramento já dado, seu vínculo com a corrupção forneceu munição ao candidato Bolsonaro, que utiliza este argumento para prejudicar o rival. Nesse sentido, em nosso entender, o jornal propositalmente manteve o candidato em sua zona de conforto, reforçando críticas já existentes e silenciando sobre questões gravíssimas, já destacadas neste texto, tais como, a profunda corrupção de seu governo; a desmontagem do Estado de Direito existente desde a Constituição de 1988; a proteção ao meio ambiente e a proteção aos direitos humanos, em todos os seus âmbitos. Já o programa Eleições 2022, dada as características próprias desta mídia, mais flexível e autônoma, aliada ao perfil de seu organizador, o jornalista Kennedy

Alencar, possibilitou maior reflexão, apontando críticas às falhas identificadas na organização e condução da entrevista feita pela emissora.

Enfim, nossa conclusão, além de ser um momento de reflexão sobre o artigo e a pesquisa, não deixa de ser também quase um desabafo de pesquisadores

bastante cansados da insensibilidade política e social de um país sem destino, sem porto, sem rumo. O discurso eleitoral de Bolsonaro discutido na entrevista, no jornal Folha de S. Paulo e no canal Uol, nos ajuda a entender o nefasto e obsessivo projeto de poder do atual presidente.

6. Referências

- Alencar, K. (23 de agosto de 2022). *Bolsonaro na Globo: comentários e análises ao vivo com colunistas do UOL* [Arquivo de vídeo]. Youtube. <https://tinyurl.com/m4xt2p24>
- Alves, M; Tavares, C., & Albuquerque, A. (2019). *Datificação e Redes na Comunicação Política: Mapeamento De Redes E Fluxos No Facebook*. <http://bitly.ws/wcs4>
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Edições Persona.
- Bobbio, N., & Pasquino, G. (1999). *Dicionário de Política*. UNB.
- Bonner, W., & Vasconcelos, R. (2022). *Jornal Nacional entrevista Jair Bolsonaro – candidato do PL a Presidência da República*. <http://bitly.ws/wcsc>
- Chauí, M. (1978). *Ideologia e Mobilização Popular*. Paz e Terra.
- Chauí, M. (1989). *Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas*. Cortez.
- Chauí, M. (1989). A não violência do brasileiro- um mito Interessantíssimo. Almanaque 11: *Cadernos de Literatura e Ensino*.
- Foucault, M. (2010). *A Ordem do Discurso*. Edições Loyola, 20^a. Ed.
- Foucault, M. (1988). *Microfísica do Poder*. Edições Graal, 7^a. Ed.
- Foucault, M. (2008). *A Arqueologia do Saber*. For. Universitária.
- Entman, R. (1994). *Framing: Toward clarification of a fractured paradigm*. Em M. Levy & M. Gurevitch (Eds.), *Defining Media Studies* (pp. 293-300). Oxford University Press.
- Ezequiel, V. C., & Ciocari, D. (2017). Discurso de ódio na política contemporânea: Trump venceu! *C&S*, 39(3), 29-60.
- Gamson, W., & Modigliani, A. (1987). The changing culture of affirmative action. *Research in Political Sociology*, 3, 137-177.
- Gitlin, T. (1980). *The Whole World is Watching*. University of California Press.
- Goffman, E. (1986). *Frame analysis: an essay on the organization of experience*. Northeastern University Press.
- Gomes, W., & Dourado, T.(2019). Fake news, um fenômeno de comunicação política entre jornalismo, política e democracia. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 16(2).
- Motta, R. P. S. (2013). Ruptura e Continuidade na Ditadura Brasileira: a Influência da Cultura Política. Em: L.A. Abreu, & R.P.S. Motta. *Autoritarismo e Cultura Política*. Edipucrs.
- Neiva, L. (2022). *Entenda o que é o orçamento secreto e por que ele é criticado*. congressoemfoco. Consulta em 16 de janeiro de 2023. <https://bit.ly/3WfSYXZ>
- Porto, M. (2004). Enquadramentos da Mídia e Política. Trabalho apresentado ao *XXVI Encontro Anual da ANPOCS*.
- Ranciére, J. (1996). *O Desentendimento: política e filosofia*. Editora 34.
- Santos, E.P. (2022). Desinformação, negacionismo e a pandemia. *Filosofia Unisinos. Unisinos Journal of Philosophy* 23(1), 1-15.
- Valente, J. (2019). Regulando desinformação e fake news: um panorama internacional das respostas ao problema. *Comunicação Pública*, 14(27). <https://tinyurl.com/5jeksvcf>
- Wardle, C., & Derakshan, H. (2017). *Information disorder: towards an interdisciplinary framework for research and policy making*. Council of Europe Report.
- Record TV (30 de dezembro de 2016). *Retrospectiva 2016: o ano do impeachment de Dilma*. [Arquivo de vídeo]. Youtube. <https://bit.ly/3XS2n9F>
- Zanini, F. (6 janeiro de 2023). Painel Empenho. *Folha de S. Paulo*, pp. A4. <https://tinyurl.com/36c6tvnr>

Antonio Adami. Doutor em Semiótica pela Universidade de São Paulo-USP, Pós-Doutorado em Comunicação pela Facultad de Ciencias e Información de la Universidad Complutense de Madrid-UCM. Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista. Membro dos Grupos de Pesquisa “Mídia, Cultura e Memória”, no Brasil e “Análise da divulgação cultural e científica nos meios de comunicação social”, na Espanha. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5524-0672>

Carla Reis Longhi. Doutora em História pela Universidade de São Paulo-USP, Pós-Doutorado pela Universidad Complutense de Madrid. Professora do curso de História da PUC-SP e Diretora da Faculdade de Ciências Sociais da mesma instituição. Membro do Grupo de Pesquisa Centro de Estudos da História da América Latina – CEHAL (PUCSP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2937-8982>.